

Poder e corrupção no futebol: memórias acerca da relação atleta-treinador sob o ponto de vista de futebolistas paranaenses

Power and corruption in football: memories about the athlete-coach relationship from the point of view of Paraná footballers

Everton de Albuquerque Cavalcanti*

Vinícius Machado de Oliveira**

Juliano de Souza***

André Mendes Capraro****

Resumo

O objetivo desse trabalho foi retratar as memórias de atletas e ex-atletas profissionais de futebol, no que concerne às suas relações com treinadores. Em termos de procedimentos metodológicos, fizemos uso da história oral, realizando cinco entrevistas com atletas da modalidade. A partir das narrativas, a análise das relações estabelecidas proporcionou uma compreensão diferente desse espaço, já que circulamos entre o macro-histórico – ao abordarmos as questões através do compartilhamento social dos discursos e da identificação de problemas que afetam esse meio – e o micro-histórico – nos quais as particularidades de cada história nos forneceu indícios para discutir esse contexto de maneira reflexiva.

Palavras-chave: História; Oralidade; Futebol; Subjetividade.

Abstract

The objective of this work was to portray the memories of athletes and former professional soccer players, with regard to their relationships with coaches. In terms of methodological procedures, we made use of oral history, conducting five interviews with athletes of the sport. From the narratives, the analysis of established relationships provided a different understanding of this space, since we circulate between the macro-historical - when we approach the issues

*Doutor em Educação Física pela UFPR. Professor Adjunto do curso de Educação Física da UFMS - CPAN. E-mail: profevertoncavalcanti@gmail.com

**Doutorando em Educação Física pela UEM. E-mail: oliveira_vm@hotmail.com

***Doutor em Educação Física pela UFPR. Professor Adjunto do Departamento de Educação Física da UEM. E-mail: julianoedf@yahoo.com.br

****Doutor em História pela UFPR. Professor Associado do Departamento de Educação Física da UFPR. E-mail: andrecapraro@onda.com.br

through the social sharing of discourses and the identification of problems that affect this medium - and the micro-historical - in which the particularities of each story provided us with clues to discuss this context in a reflective manner.

Keywords: History; Orality; Soccer; Subjectivity

Introdução

O universo futebolístico é um espaço de múltiplas relações e trocas simbólicas.¹ Dentre essas relações, as que se estabelecem entre atletas e treinadores são complexas, envolvem dinâmicas de poder e merecem ser investigadas do ponto de vista histórico e sociológico.² Ademais, análises históricas que envolvem os protagonistas do espetáculo futebolístico no sentido de dar voz às suas memórias são essenciais para compreensão da referida modalidade no campo esportivo, revelando dinâmicas talvez pouco conhecidas por via das fontes impressas.

Como parte do processo de constituição, orientação e condução dos atletas de uma equipe em busca dos objetivos de seu clube, o treinador é levado a tomar decisões que em certa medida podem agradar ou desagradar seus comandados.³ Nesse sentido, nosso ponto de partida se refere as impressões que atletas e ex-atletas constroem a respeito da figura do técnico, agente que teoricamente detém alto poder de decisão no campo esportivo. Dito isso, o objetivo deste artigo consiste em retratar as memórias de atletas e ex-atletas profissionais de futebol, quanto às suas relações com treinadores, bem como compreender os desequilíbrios de poder em favor de cada agente

¹ TOLEDO, Luiz Henrique de. Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2000; SOUZA, Juliano de. O “esporte das multidões” no Brasil: entre o contexto de ação futebolístico e a negociação mimética dos conflitos sociais. Tese (Doutorado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2014; DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2005.

² CAVALCANTI, Everton Albuquerque; CAPRARO, André Mendes. Ronaldo X Lula: Uma análise do discurso na Folha de São Paulo. *Movimento*, Porto Alegre, vol. 18, n.4, 2012; TALAMONI, Guilherme Augusto; OLIVEIRA, Flávio Ismael da Silva. HUNGER, Dagmar. As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador. *Movimento*, Porto Alegre, vol. 19, n. 01, 2013.

³ COSTA, Israel; SAMULSKI, Dietmar Martin; COSTA, Varley Teoldo. A liderança dos treinadores da primeira divisão do futebol brasileiro. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, vol. 9, n. 2, 2010.

dentro dessa configuração. Como referencial teórico metodológico foi utilizado a teoria figuracional *eliasiana* definida pela formação de redes de seres humanos interdependentes, com base no conceito de poder que pode ser compreendido como sendo a força inerente a cada agente nas relações sociais estabelecidas dentro de uma configuração.⁴

Uma vez explicitado o referencial teórico empregado para leitura do objeto, é oportuno destacar que a coleta de dados se deu por via da história oral. Em linhas gerais, esse método de pesquisa é caracterizado por entrevistas que permitem compreender a realidade de um determinado assunto através da experiência e da aproximação do sujeito com o objeto de estudo investigado.⁵ Em outros termos, a história oral é responsável pela construção de suas fontes, que podem ser agrupadas em um acervo e a posteriori consultadas.

Ademais, cabe sublinhar que essa técnica de pesquisa tem como um de seus objetivos centrais a elaboração consciente do passado, a partir de uma reinterpretação realizada no presente que busca na subjetividade os significados do objeto estudado. Isto é, a história oral é uma metodologia que permite compreender os discursos a partir de experiências legítimas ou não, de sujeitos que se apresentam fidedignos, controversos, descontínuos e criativos, de acordo com o que o contexto permite lembrar.⁶

Queremos então esclarecer que as histórias apresentadas nesse texto contemplam um determinado ponto de vista, não tendo a pretensão de buscar verdades tidas como absolutas,⁷ mas retratar uma perspectiva acerca da dinâmica social em que essas relações se estabelecem. Nessa esteira, para a realização do estudo, participaram da pesquisa cinco atletas profissionais de futebol, sendo três ex-atletas e dois em atividade, cujas identidades foram preservadas devido à abordagem polêmica do assunto. Esses participantes eram homens, paranaenses, com idades compreendidas entre 25 e 35 anos no momento das entrevistas. Todos atuantes em nível estadual, três alcançando nível nacional e um nível internacional.⁸

Dentre os critérios de escolha do número de informantes, levou-se em consideração o tempo disponível para a realização da pesquisa, uma vez que

⁴ ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1990.

⁵ ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

⁶ PORTELLI, Alessandro. História oral italiana: raízes de um paradoxo. *Revista tempos históricos*, Marechal Cândido Rondon, vol. 12, n. 2, 2008.

⁷ PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

⁸ Entendemos nível estadual sendo a atuação em campeonatos regionais, nível nacional a disputa das séries A e B do Campeonato Brasileiro e nível internacional a primeira divisão dos campeonatos europeus.

as entrevistas eram relativamente longas e demandavam mais tempo para transcrição. Além disso, a quantidade selecionada já permitiria levantar as informações necessárias para refletir sobre o objeto e o desiderato propostado na pesquisa. Com relação a escolha dos atletas a mesma ocorreu de acordo com a indicação de possíveis entrevistados, bem como de acordo com a indicação subsequente dos próprios participantes. Na passagem do oral para o escrito, optamos por trabalhar com a transcrição, eliminando vícios de linguagem e adequando a narrativa a norma culta da língua portuguesa, porém, preservando a originalidade da produção inicial.⁹ Na identificação de figuras públicas alteramos os nomes devido a questões éticas relacionadas à abordagem de temas polêmicos.

Quanto às entrevistas, as mesmas foram realizadas individualmente de acordo com a disponibilidade dos sujeitos e o local desejado pelo participante. Para as perguntas, elaboramos um roteiro semiestruturado com uma questão base, solicitando que o informante contasse sua relação com os treinadores que passaram por sua trajetória esportiva. Em seguida, perguntamos acerca de possíveis desvios de conduta desse agente, bem como o envolvimento em polêmicas. No momento em que realizamos as questões, acrescentamos novos questionamentos que avaliamos pertinentes à temática da pesquisa.

Relações interdependentes no futebol: treinador e atleta

Nas últimas décadas, o futebol profissional efetivou-se como um espaço de disputas por posições e estratégias de concorrência. Em linhas gerais, essa nova relação com o futebol parece ser produto das prerrogativas mercadológicas que tornam o esporte uma prática rentável para aqueles que se inserem no seu meio.¹⁰ Colocado nesses termos, o futebol profissional se tornou um espaço de interações sociais bastante complexas em que as relações de interdependências são potencializadas de modo a sustentar os indivíduos no interior desse campo, em que pese, é claro, existam desequilíbrios na balança de poder entre os agentes.

Nessa lógica, treinador e atleta constituem-se como agentes que interferem diretamente no jogo, viabilizando a competição como espetáculo.¹¹ Noutros termos, ambos são importantes para a manutenção da prática, ainda que ocupem e administrem posições diferentes dentro da estrutura. Nesse

⁹ ALBERTI, Verena. *O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003.

¹⁰ CEDRO, Marcelo. Bourdieu entra em “campo”: o futebol como espaço autônomo de interações, disputas, posições e consagrações. *Tempos Gerais*, São João del-Rei, vol. 3, n. 2, 2014.

¹¹ TOLEDO, op. cit.

sentido, a aproximação entre esses sujeitos acontece pela necessidade que eles estabelecem dentro da configuração, em que o atleta depende do treinador para manter-se em jogo e o comandante depende do desempenho do jogador para assegurar seu cargo.

Em que pese, o treinador precise de diferentes estratégias para se estabilizar no seu posto, espera-se que o mesmo adote uma posição ética e de profissionalismo face às necessidades individuais e coletivas do seu grupo, primando sempre pela idoneidade na perseguição de melhores resultados para sua equipe.¹² Entretanto, a busca por afirmação em um cenário representativo socialmente e profissionalmente, tende a enfatizar as disputas de poder e a consequente relação com o modelo de jogo competitivo social.¹³ Acerca disso, um dos entrevistados relatou:

É difícil para o técnico, é um grupo com trinta vamos dizer assim, você conseguir um máximo de todo mundo junto, porque sempre vai ter aquele que vai estar sentido porque não está jogando, aquele que nem vai para o banco. Às vezes, no Cruzeiro aconteceu uma situação mais religiosa por exemplo, o técnico é de determinada denominação religiosa e alguns jogadores faziam parte, e eles faziam cultos juntos [...] mas daí é meio complicado isso, essa aproximação. Eu que por exemplo não fazia parte do grupo, eu não gostava, porque que o técnico, só aqueles dez jogadores, vamos dizer quinze, isso era meio complicado [...] E as vezes tem profissionais que conseguem fazer isso, você não vai ser 100%, mas você vai deixar mais ou menos claro porque que você está no banco, porque você não vai nem para o jogo. Porque é um grupo, quando a coisa está mais redondinha a coisa acontece bem, quando não está bem certo, bem claro, isso deixa dúvida, aí desanda a coisa (Jogador 1, 2016).

Muito embora a figura do treinador deva representar um papel de liderança positiva na gestão de um grupo de jogadores,¹⁴ o futebol é um campo permeado por relações humanas que tendem a se expressar de maneira tendenciosa. As consequências dessa inconsciência quanto a um possível nepotismo por parte do treinador cruzeirense, demonstra como a balança de poder pode desequilibrar inicialmente em favor daquele que tem a responsabilidade de escalar os jogadores em uma partida.

Com base em Smith¹⁵ fica nítido o sentimento de injustiça expresso na fala de nosso primeiro entrevistado. Teoricamente, aspectos subjetivos como

¹² COSTA; SAMULSKI; COSTA, op. cit.

¹³ ELIAS, *Introdução à Sociologia*, op. cit.

¹⁴ COSTA; SAMULSKI; COSTA, op. cit.

¹⁵ SMITH, Richard Candida. *Circuitos de subjetividade: História oral, o acervo e as artes*. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

o posicionamento político, religioso ou de afinidade não deveriam influenciar nas possibilidades de se alcançar uma carreira profissional representativa. Esses comportamentos autoritários, mesmo que inconscientes ou velados dentro da figuração, não compreendem os adjetivos que o informante acredita serem inerentes a função do treinador de futebol.

A narrativa ainda esclarece a configuração da equipe a partir dos conflitos de interesse de seus participantes, reiterando a complexidade com relação ao processo de regulação social do espaço, de forma a manter a ordem e a unidade do grupo em busca de objetivos comuns, mesmo que esses estejam submergidos aos objetivos individuais. No entanto, esses objetivos nem sempre ocupam centralidade no interior das relações, sobretudo quando existem motivos pessoais que levam os agentes a adotarem condutas consideradas inadequadas, como o caso de boicote de atletas pelo treinador como relatado pelo jogador 3:

Já gostou de mim de cara, [...] já ia ser titular do time. Aí passou umas três semanas e esse técnico já tinha sido técnico do meu irmão também lá no Atlético. Só que eles tinham tido alguma confusão, [...] e até meu irmão não sabia porque, só que o Roberto não gostava dele e eu terminei um treino coletivo de titular e aí o cara perguntou assim [...] “você é irmão do Saulo né?” E ele estava fazendo a convocação para um amistoso no final de semana, estava com o papel já pronto, quando o menino perguntou se eu era irmão do Saulo, na hora ele riscou meu nome do papel e eu nem para o jogo fui [...]. Daí, a partir dali já começou a me colocar para treinar com os atletas que estavam em avaliação, passou um mês e meio me mandou embora (Jogador 3, 2016)

O caráter desvirtuado de uma liderança pode ser exemplificado como aquilo que Claussen¹⁶ argumenta como sendo “[...] inegável que as estruturas burocráticas autoritárias com muitas relações informais facilitam o tráfico mafioso de influências” e que notoriamente condiz com os abusos imprevistos pela hierarquização das funções em um modelo de jogo competitivo a dois níveis do tipo oligárquico.¹⁷ Nessa linha de raciocínio, na relação treinador e atleta, em muitas situações, o treinador pode ter maior poder de decisão, sobretudo quando os atletas estão em início de carreira como exemplificado na fala do jogador 3.

Para além das tensões acerca da relação entre treinador e atleta, notamos como a memória se concretiza enquanto elemento seletivo ao qual o sujeito recorre para contar sua história de acordo com os fragmentos que

¹⁶ CLAUSSEN, Detlev. Sobre a estupidez no futebol. *Análise Social*, Lisboa, vol. XLI, n.179, 2006, p. 585.

¹⁷ ELIAS, *Introdução à Sociologia*, op. cit.

consegue resgatar,¹⁸ principalmente em situações que estão ligadas ao desconforto, o que nos leva a abstrair que essas memórias podem ser acionadas com mais facilidade, ao menos em relação aos entrevistados em nossa pesquisa.

Dessa forma, as relações de poder estabelecidas, em especial com o treinador são fundamentais na trajetória de cada atleta, pois permite garantir uma maior sustentabilidade e atuação do jogador na equipe a qual ele faz parte. Entende-se, portanto, que o técnico face ao atleta em fase de profissionalização, possui um peso funcional maior dentro da figuração, sendo politicamente mais forte e detentor do controle do jogo se pensarmos no pensamento sociológico *eliasiano*.¹⁹

Notamos que esses vínculos interdependentes estabelecem uma hierarquia que promove uma instabilidade na relação, em que, por vezes, as questões técnicas são relegadas ao segundo plano, estabelecendo um tipo de liderança monocrática por parte dos treinadores.²⁰ É justamente nesse desequilíbrio de poder, que casos de transgressão no universo do futebol começam a prosperar, em particular no que concerne à dinâmica mercadológica de negociação de atletas, como relatado pelo quinto atleta entrevistado:

Sim, [...] isso existe muito. Eu já vi treinador [...] que acaba pegando dinheiro de jogador por ter lhe arrumado o emprego. [...] Tem muito treinador empresário hoje em dia. Futebol hoje virou uma empresa, futebol hoje virou negócio, virou dinheiro, futebol é muito sujo. [...] ao viver nesse meio, você vê o que acontece, você vê que hoje em dia precisa ser muito forte para conquistar seu espaço. [...] hoje em dia futebol é contato, se você não for bom jogador e não tiver um bom contato, dificilmente conseguirá uma oportunidade (Jogador 5, 2016).

As relações de poder se concretizam como a interposição de força dos sujeitos em uma determinada configuração,²¹ o que significa que isso não é característico apenas do futebol. Entretanto, o meio futebolístico por se tratar de um espaço profissionalizado de grande potencial econômico deixa explícito essas tentativas de desequilíbrio de força dos agentes em busca do controle do espaço social conquistado.

Nesse caso, depreende-se a partir da fala do quinto jogador entrevistado, que suas vivências acrescentadas à sua posição atual nesse espaço, credenciam as críticas que ele elabora e demonstram como sua retirada para o ostracismo mudou sua perspectiva de compreensão do futebol, evidenciando

¹⁸ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

¹⁹ ELIAS, *Introdução à Sociologia*, op. cit.

²⁰ COSTA; SAMULSKI; COSTA, op. cit.

²¹ ELIAS, *Introdução à Sociologia*, op. cit.

como as oralidades tratam da percepção do sujeito sobre a realidade vivida.²² É disso que ele trata quando encerra a história afirmando que não basta apenas talento, é necessário também o estabelecimento de contatos que transcendam os gramados, para que o atleta não se encontre em uma situação de vulnerabilidade ou até mesmo desemprego no espaço esportivo.

Ainda sobre as transgressões relacionados ao profissionalismo no mundo futebol, outro participante ratifica também a existência dessas situações de exploração dos atletas:

Muito time contrata só os de empresário, contrata o treinador que contrata os dele. Eu até entendo o treinador contratar os caras que ele tem confiança. [...] mas muitas vezes não é de confiança, é porque vai ganhar em cima. E como tem muito treinador que ganha em cima de jogador também, tem treinador que leva o cara e fala: “você vai vir ganhando tanto, mas tanto é meu”. Muita coisa acontecia, no Paraná acontecia, tem diretor, gerente de futebol, tem de tudo. [...] tem histórias até desses caras de nome, eu não sei porque eu não trabalhei com esses caras [...]. Vanderson é um dos caras que mais falam. Mas nesses times pequenos é muito fácil acontecer isso, igual acontecia lá. Tem um treinador que foi para o Luverdense na época, ele saiu do Rio Grande do Sul, pessoal que jogava a segunda do gauchão ganhando dois, três “contos”, o cara falou: “você vai vir aqui ganhando dez, quer? Mas quatro é meu e seis é seu” [...]. Claro, acaba aceitando (Jogador 4, 2016).

Como nos alerta Pereira²³ o futebol trata-se de “um desporto com vários intervenientes com interesses distintos, onde existe dinheiro, competição e poder”. Em outros termos, a busca por esses capitais, sobretudo de cunho econômico e simbólico acabam por trazer à tona o efeito colateral da corrupção como uma ameaça constante à integridade dos agentes que compõem essa configuração. Somado a isso, cabe sinalizar que no Brasil, esses casos de transgressões são ainda mais preocupantes, pois em um país de dimensões continentais e de grande desigualdade, a corrupção passa muitas das vezes despercebida à medida que o profissionalismo se espalha de maneira desenfreada e de forma arbitrária.

De forma geral, o quarto entrevistado trata o assunto com naturalidade, o que reverbera esse potencial de utilização da transgressão moral quando o treinador estabelece um desequilíbrio notório em uma competição entre

²² SMITH, op. cit.

²³ PEREIRA, Tomé Filipe Guerra. *A Corrupção no Futebol Português: Tendências e Trajetórias*. Dissertação (Mestrado em Ciências Policiais) – Área de especialização em Criminologia e Investigação Criminal, Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, Lisboa, 2017, p. 36.

duas pessoas com regras²⁴ em que ele determina o percurso do jogo ao impor as condições para levar determinados jogadores para sua equipe.

Para além disso, notamos como o contexto em que o sujeito está inserido influencia na produção do seu discurso,²⁵ pois o informante não expõe os nomes que porventura tenham participado desse tipo de esquema, o que pode estar relacionado ao fato de ainda ser atleta profissional e não querer correr o risco de se comprometer com polêmicas, muito embora, suas reações, seus gestos e até o sarcasmo com que conduz sua narrativa, atribuem a representatividade que dá ao seu discurso, como é sugestivo a fala do terceiro atleta entrevistado. A respeito dessas questões, o jogador 3 reitera:

Tem muito esquema hoje em dia [...] eu sou empresário, tenho tal jogador aqui, quero colocar ele aí, o técnico fala: “então, o salário dele vai ser 20 mil, 10 é meu” [...]. Porque para ele não vai dar tanta diferença de nível no clube, porque esse jogador que está entrando é do mesmo nível de um outro, só que esse outro não tem esquema com ele, entendeu? [...] um dia a gente estava lá tomando uma cerveja e o cara do Santos estava puto [...]. Falou: “porra, o Santos me ofereceu um salário de 200 mil, me chega o Vanderson com 90 mil no contrato e fala que eu tenho que assinar esse contrato e ainda dos 90 mil eu tenho que dar 20 mil para ele porque senão eu não jogo mais no Brasileiro [...] tanto que ele não assinou o contrato do Vanderson, assinou o de 200 mil, por causa do dinheiro, e não jogou mais no Brasileiro e ele estava arrebitando, foi para o banco e não voltou mais, até o Vanderson sair, não voltou (Jogador 3, 2016).

Compreende-se a partir da narrativa do atleta, que o jogo está posto em uma relação à dois níveis do tipo oligárquico.²⁶ Por mais que o atleta tenha seu potencial de poder que lhe permita querer jogar diretamente em uma relação entre duas pessoas com regras, ele não consegue, devido ao capital simbólico atrelado à figura do técnico. Isso evidencia como a lógica social de uma configuração está determinada pela força imposta por cada agente ao longo do jogo, sendo que com o passar do tempo e com a consolidação no espaço, o treinador evidencia o controle do jogo e de suas jogadas, determinando as condições como a competição social acontece.

Não podemos nos esquecer de que o trato com as oralidades não busca por verdades absolutas,²⁷ o que nos leva a compreender que as narrativas expostas tratam de uma possibilidade de análise do meio social futebolístico a partir da visão de jogadores de futebol. Nessa esteira, ainda que não tenhamos

²⁴ ELIAS, *Introdução à Sociologia*, op. cit.

²⁵ THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e terra, 1992.

²⁶ ELIAS, *Introdução à Sociologia*, op. cit.

²⁷ PORTELLI, *Ensaio de história oral*, op. cit.

o relato dos treinadores, as experiências relatadas pelos jogadores, em alguma medida, refletem o dinamismo do campo, muito embora reconheçamos que a partir da versão de apenas um lado da história.

Esse reconhecimento da limitação do estudo, reitera que não estamos a julgar a figura do treinador pela transgressão de possíveis ações corruptas no meio esportivo, mas a analisar como os jogadores que porventura foram afetados por esses possíveis problemas lidam com esse tipo de polêmica. O que também não impede de pensarmos que a narrativa dessas questões em diferentes histórias permite um compartilhamento de experiências semelhantes que nos instigam a discutir essa problemática que por vezes permeia o senso comum de forma obscura. Nessa senda, acreditamos que o trato histórico ligado a leitura social nos permite descortinar esses problemas que muitas das vezes podem estar escusos no tecido social, daí a importância de empreendimentos como levado a cabo aqui.

Ainda explorando as contribuições de nosso terceiro informante, o mesmo nos relata mais um caso de corrupção:

Assim, história que outras pessoas contam a gente escutava toda hora e do Vanderson é o que mais escuta, todo mundo conta. O próprio Alexandre mesmo contou, [...] é a história de um que vai passando para o outro. Contou para um outro amigo meu que é jogador também, que na época que ele estava arrebrandando, o Vanderson ligou para ele: “Então, vamos para a Copa? vamos para a seleção?”. “Vamos”. “Então, é 200 mil para a convocação”. Aí o Alexandre disse que comentou: “não meu, eu quero ir pelo meu mérito”. Daí ele: “não, é pelo teu mérito, você está jogando para caralho, você vai por causa disso, só que todo mundo tem que passar 200 mil na minha mão senão não vem, todos vão pagar”, ele falou. (Jogador 3, 2016).

A fala polêmica revelada pelo atleta condiz com sua condição externa atualmente no futebol profissional, gerando menos cautela nas declarações em relação aos demais. Quanto a referência ao treinador Vanderson, mais de um dos entrevistados abordou a relação desse agente em casos de corrupção no futebol,²⁸ alertando que em ambos os casos em que o treinador é citado, a narrativa ocorre de maneira terceirizada, ou seja, o jogador comenta algo que ouviu falarem, o que reflete em uma prática comum em narrativas orais, que denominamos como acontecimentos vividos por tabela.²⁹

Nesse caso, a entonação da voz na defesa dos argumentos utilizados pelos atletas acerca dos prejuízos causados por essa prática revelam o significado

²⁸ PEREIRA, op. cit.

²⁹ POLLAK, op. cit.

da questão retratada,³⁰ em que os atletas buscam subsídios para atestar a procedência de suas memórias, como verificamos a seguir:

Funciona assim, clubes de fora por exemplo, tem o técnico lá: “vou te colocar no clube, então 10% do seu salário é meu”. Isso é por contrato de boca as vezes: “então eu vou arrumar agora pra você jogar na Espanha, só que vou ter que encaixar no clube que eu estou. Estou te levando, mas 20% do seu salário é meu”. Isso acontece, mesma coisa, eu estou num time lá, o meu amigo quer ir para fora do Brasil: “tá, vou arrumar um contrato bom, mas 20% do salário é meu” (Jogador 1, 2016).

A relação de oferta e demanda é atendida quando os atletas aceitam as condições impostas pela configuração. Isso mostra como o problema do poder pressuposto pela hierarquização das funções afetam a dinâmica do contexto futebolístico, pois “[...] desempenha papel fundamental em todas as relações humanas”.³¹ Dessa forma, os esportistas se submetem as regras impostas ao jogo social, devido à competitividade atrelada ao excesso de “pés de obra” disponíveis no mercado de trabalho do futebol profissional.³²

Apenas um dos cinco informantes não mencionou esse tipo de corrupção no futebol, indicando que casos compartilhados através de diferentes experiências retratam a formação de uma memória coletiva.³³ É certo que isso não comprova – e nem é nossa intenção – a veracidade dos fatos, mas alerta para um possível problema social que merece e precisa ser escrutinado à luz das ciências humanas e sociais, e a partir de denúncias, investigado pelas autoridades competentes.

A estrutura social de uma equipe de futebol é muitas das vezes configurada de modo a favorecer a monopolização do poder por parte dos treinadores. Embora, isso tenha seu fundo de verdade, nem sempre o treinador poderá sustentar essa posição por muito tempo, pois os jogadores ao se organizarem coletivamente, os mesmos podem exercer maior peso funcional dentro da figuração, suprimindo, grosso modo, o raio de ação do treinador. Exemplar disso, é quando os atletas se organizam com o intuito de causar a demissão de um treinador específico.

³⁰ FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

³¹ GEBARA, Ademir. LUCENA, Ricardo de Figueiredo. Norbert Elias, Poder e cotidiano. *Revista da Alesde*, Curitiba, vol. 1, n. 1, 2011, p. 64.

³² DAMO, op. cit.

³³ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2013.

Quanto a isso, notamos certa recorrência por parte do senso comum em atestar esse tipo de prática. No caso das entrevistas isso não se confirmou, haja vista os atletas elaborarem um discurso que inconscientemente objetivou proteger sua categoria. Cada lembrança então, recai no significado que o entrevistado impõe as suas experiências, sinalizando a ideia de que a fonte oral propicia a omissão de fatos que desinteressam à construção da narrativa.³⁴

Ao pensar nas semelhanças das narrativas até aqui apresentadas, notamos um compartilhamento de significados na abordagem do mesmo problema,³⁵ mas que acompanha a singularidade dos discursos, referente as diferentes experiências vividas por cada entrevistado.³⁶ O jogador 3 acrescentou:

Hoje em dia eu acho que está pior do que na época em que eu jogava, porque hoje em dia assim, esse negócio do esquema do técnico antigamente era um ou outro que fazia, hoje em dia eu acredito que quase todos fazem, entendeu? A não ser aquele que está lá num time de ponta e pensando em ganhar um campeonato, mas mesmo assim, ele não vai fazer com todos os jogadores, mas vai fazer com uns três ou quatro, colocar no elenco pra deixar no banco, mas vai fazer, vai tirar um dinheiro dele, entendeu? (Jogador 3, 2016).

A história oral trata da reinterpretação do passado no presente, de modo que a memória é uma reorganização das concepções do sujeito acerca de suas experiências em forma de narrativa.³⁷ Seu discurso é uma mistura das lembranças de casos que ouviu falar na época de atleta com a especulação a respeito do assunto no tempo presente, pois atualmente se encontra fora do espaço de convívio social do futebol profissional.

Além disso, por não mais reclamar uma posição nesse espaço social, manifesta uma sinceridade que polemiza ainda mais o tema quando o aborda de forma sarcástica em sua narrativa. Essa forma de se relacionar com o assunto foi também verificada na fala do jogador 4, quando relatou um dos desconfortos que teve com seu técnico.

[...] um treinador chegou, eu jogava aqui no Paraná ainda, o treinador chegou de manhã, de tarde eu já cai, já não era mais titular, nem para o banco ia, porque ia trazer o dele e trouxe. Muita loucura também de treinador, de pegar treinador doido da cabeça, treinador que queria me bater [...]. Esse Evandro [...]

³⁴ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

³⁵ PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*: Rio de Janeiro, vol. 1, n.2, 1996.

³⁶ LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Trabalhando com história oral: reflexões sobre procedimentos de pesquisa. *Cadernos CERU*: São Paulo, Série 2, n. 11, 2000.

³⁷ PORTELLI, *Ensaio de história oral*, op. cit.

totalmente louco, louco, louco das ideias [...] de chegar num dia e era a final da Copa Mato Grosso [...] ele foi e falou assim oh, ele estava falando do 9, o 9 batia falta aqui e não sei o que, e foi falar que: “se tiver pênalti, ele vai bater no seu canto esquerdo”. Eu falei: “Beleza, se o 9 for bater, vou no canto esquerdo”. Só que ele tinha falado do 2, não do 9. Teve pênalti aos 44 do segundo, o 2 foi bater, então eu achei, era o 9, então eu não sei onde ele vai bater, é o 2, fui para o direito, o 2 foi e bateu no esquerdo. Fomos para o vestiário, ele foi doido para cima de mim, pra me bater. (Jogador 4, 2016).

O poder inerente ao treinador devido as suas funções no futebol, por vezes ultrapassa os limites do respeito para com seus atletas, uma vez que “o conflito entre autoritarismo e liberdade de atuação atravessa o futebol até aos dias de hoje, manifestando-se em presidentes e treinadores que se comportam como ditadores [...]”.³⁸ A necessidade da vitória a qualquer custo para se manter no controle do espaço social, faz com que alguns treinadores expressem comportamentos socialmente inadequados, como nos evidencia a narrativa.

O discurso também apresenta particularidades que contribuem para que possamos analisar o futebol como “[...] um campo autônomo e específico, constituído de regras próprias, de disputas e de consagrações”.³⁹ O futebol é um espaço em que o descontrolo controlado das emoções apresenta um limiar mais flexível em relação a outras práticas profissionais, haja vista o jogador relatar com certa naturalidade o comportamento inadequado do treinador.

Como já mencionado, a polêmica é narrada a partir do sarcasmo, sugerindo que a reinterpretção do passado no presente, permite transformar o sofrimento causado pelo problema em uma memória positiva,⁴⁰ ainda que as situações de desconforto sejam as primeiras a surgir com mais intensidade no contexto das memórias. Isso aponta que a entrevista não se esgota no ato da gravação, mas atenta para a responsabilidade dos envolvidos na construção da fonte.⁴¹

Cabe prestar atenção que durante a narrativa, o atleta não apresenta cuidados excessivos quanto ao risco de uma declaração polêmica, o que nos leva a compreender a representação que a história tem para o sujeito, expressando sua formação narrativa a partir dos detalhes com que aborda o discurso, suas reações, gestos e a entonação da voz.⁴² Isso, em alguma medida,

³⁸ CLAUSSEN, op. cit. p. 590.

³⁹ CEDRO, op. cit. p. 10.

⁴⁰ PORTELLI, *Ensaio de história oral*, op. cit.

⁴¹ MEIHY, J. C. S. B. Definindo história oral e memória. *Cadernos CERU*: São Paulo, n. 5, p. 52 – 60, 1994.

⁴² SMITH, op. cit.

ratifica o argumento de que memórias negativas tendem a ser reinterpretadas com maior minuciosidade, como ainda podemos observar a partir da fala do jogador 4.

De pegar treinador que em seis dias eu pedi para ir embora do time da Barbarense, outro treinador, o Carlos. [...] falei: “eu não aguento mais esse cara”. Chegaram de manhã lá, eu falei, estava contando esses dias para o meu pai essa história de novo. Cheguei lá, a gente jogou, ele me pedia para cair, 10 minutos de jogo ele falava: “você olha pra mim, a hora que eu fazer aqui oh (barulho das mãos batendo), você cai no chão”. Ele pegava, tuff, batia, caía no chão, 10 minutos de jogo. Com 20 minutos de jogo eu já tinha levado cartão amarelo de tanta cera. Acabou o jogo, com 52 minutos, os caras viraram para 2x1 o jogo, 52 do segundo tempo. Ele acabou quebrando tudo, queria bater nos caras no vestiário. Chegou no outro dia de manhã, eu fui pedir para o meu gerente: “oh, não aguento mais, não vou atrapalhar o trabalho do cara, se você gosta do trabalho do cara, beleza, mas olha, eu não vou conseguir trabalhar com o cara. Faz minha rescisão, paga meus dias trabalhados aí, estou indo embora, vou voltar para o Paraná, eu tinha contrato com o Paraná ainda, estava emprestado. Vou voltar para o Paraná, lá eu decido o que eu faço (Jogador 4, 2016).

A narrativa se mostra representativa já de início, quando relatou ter narrado a mesma história para seu pai pouco tempo atrás. A descrição em detalhes e o significado que atribuiu para o acontecimento demonstram como as memórias marcantes são aquelas que de alguma forma afetaram o indivíduo em um determinado momento de sua vida,⁴³ além de ressaltar a oralidade como uma fonte de discussões específicas que arquivos, revistas, jornais e livros não conseguiriam aprofundar.⁴⁴

O futebol exige dos treinadores para além dos conhecimentos de campo, uma capacidade no tocante aos “[...] aspectos de relacionamento social, que influenciam diretamente os resultados da equipe”.⁴⁵ O treinador é a referência para seus atletas, tendo em vista que “o técnico revela seu poder por meio dos esquemas, os atletas procuram sempre ‘escutar e fazer o que o técnico manda’”.⁴⁶

Essa submissão tem uma razão na estrutura social que trata da hierarquização das funções no futebol, que deixa de ser considerada quando o treinador passa de referência positiva a partir do momento em que tenta exercer

⁴³ PORTELLI, *Ensaio de história oral*, op. cit.

⁴⁴ DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Algumas anotações sobre história de vida e a prática de pesquisa em educação. *Revista Pedagógica*, Chapecó, v.15, n.31, p. 229-247, jul./dez. 2013.

⁴⁵ COSTA; SAMULSKI; COSTA, op. cit. p. 64.

⁴⁶ RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias*, Porto Alegre, vol. 6, n. 11, 2004, p. 263.

um controle autocrático e autoritário, perdendo o controle sobre o jogo social pré-estabelecido. Ou seja, o poder absoluto nem sempre é uma prerrogativa dentro das configurações, pois sem as relações de interdependência, a estrutura do campo não funciona e ninguém prospera, daí a necessidade de uma espécie de “cumplicidade objetiva” entre os agentes a qual Lahire⁴⁷ se refere.

Não obstante, cabe destacar que existem diferentes figurações que podem ser compreendidas pelos clubes que os atletas passam. Nesse sentido, eles podem romper com determinada configuração e adentrar em outras, em que pese, é verdade, essas figurações também possam estar de alguma forma conectadas. No caso do quarto entrevistado, uma boa relação com a figuração anterior lhe deu segurança para contrapor os comportamentos do treinador e retornar ao clube de origem. Em contra partida, é oportuno mencionar que em outros casos a solução seria dar continuidade com o mesmo treinador ou tentar causar um desequilíbrio de poder que culminasse na saída do mesmo.

Em paralelo aos casos de desapontamento com os treinadores, é importante sublinhar que nem todos tecem apenas comentários negativos a respeito da figura do técnico, pelo contrário, o quarto atleta entrevistado a medida que ele faz a crítica, ele também tenta se colocar na posição do treinador, como podemos ver na sua fala a seguir:

Daí que a gente começou a falar que tem momento no futebol que você não precisa ser treinador, você não precisa ser preparador físico, não precisa ser auxiliar, não precisa ser gerente, você precisa só não atrapalhar, precisa deixar os caras jogarem. Eu sou muito disso, de querer, mas tem vezes que você precisa ser chato, porque jogador é um bicho mala, folgado, e assim, é complicado esse negócio para o treinador principalmente, de saber a hora que ele precisa ser, e saber a hora que ele não precisa ser, é complicado. Eu vejo assim, principalmente em treinador novo, mesmo o nosso treinador que está começando agora, ele tem 33, 34 anos [...]. Saber dosar o momento que ele precisa xingar o cara e o momento que ele precisa passar a mão na cabeça [...] (Jogador 4, 2016).

Entendemos que o treinador tem diversas funções e requer uma série de competências que o condicional para sua prática profissional.⁴⁸ Entretanto, essa função no futebol assume um caráter populista que retrata sua imagem

⁴⁷ LAHIRE, Bernard. Campo. In: CATANI, Afrânio Mendes et al. (Orgs.). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

⁴⁸ CUNHA, Gabriel Barros da; MESQUITA, Isabel Maria Ribeiro; ROSADO, António Fernando Boletto; SOUSA, Tiago; PEREIRA, Pedro. Necessidades de formação para o exercício profissional na perspectiva do treinador de Futebol em função da sua experiência e nível de formação. *Motriz*, Rio Claro, vol. 16, n. 4, 2010.

como se qualquer um pudesse exercê-la e que o determinante é o desempenho técnico dos jogadores em campo.

Esse estigma trata-se em um primeiro momento pelo fato de que parte dos treinadores não estão preparados para exercer a função, estabelecendo comportamentos e tomando atitudes que contradizem as expectativas de uma figura preparada para liderar uma equipe. Esse comportamento, inclusive, pode ser até mesmo proveniente da pouca idade e falta de uma maior experiência por parte do treinador, como de certa forma, refletido pelo atleta em sua fala. Desse entendimento, fica nítido que o informante tenta compreender também as dificuldades do treinador, que para exercer efetivamente sua liderança se utiliza de diferentes estratégias na tentativa de impor respeito e obter a confiança do seu grupo.⁴⁹

Ademais, cabe destacar que ao se colocar no lugar do treinador, criticando a postura profissional e os comportamentos de alguns colegas de profissão, o atleta não se inclui nessa análise, haja vista mudar o tempo verbal da narrativa do eu/nós para eles. Isto é, mesmo estando inserindo dentro da figuração, ele consegue adotar uma postura que Elias compreende como envolvimento e distanciamento,⁵⁰ ao menos ao ponto de vista da narrativa. Mas não só isso, é evidente que o atleta reconhece que a trajetória atlética tem que ser ponderada, pois sabe que em um universo com excesso de profissionais, o atleta torna-se facilmente substituível.⁵¹

Ainda refletindo sobre a posição do treinador no meio futebolístico, o jogador 4 recupera mais um caso que demonstra que existem outras posições na figuração que transcendem o poder do treinador, a exemplo, do presidente do clube, que pode ter uma voz mais ativa do que a do técnico, aí o arranjo das subordinações se alteram:

Teve caso lá no Oeste que o presidente mandou o treinador embora no vestiário, porque tirou o jogador dele. Chegou no intervalo, o técnico falou: “oh, eu vou tirar o Mateus”, o Mateus que foi para o Palmeiras, jogou aqui no Coritiba. O presidente respondeu: “não, Mateus vai sair? Não, não”. O técnico reafirmou: “Não, vai sair, já tirei ele”. “Se ele não voltar, você também não volta”, disse o presidente Joel. “Não, não volta. Se o Mateus voltar, eu não volto”, o treinador falou. “Então tá bom, você não volta, mas o Mateus volta”. Aí ele mandou embora o treinador no vestiário. [...] foi um dos treinadores que não deu muito certo, me tirou aqui do Paraná, esquemeiro também, de pegar dinheiro de

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ ELIAS, Norbert. *Envolvimento e alienação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

⁵¹ DAMO, op. cit.

jogador. Eu não estava no Oeste nesse dia, eu cheguei um ano depois, aí o pessoal que estava lá no Oeste que me contou essa (Jogador 4, 2016).

Está claro que “[...] a presença de dirigentes folclóricos é uma identificação dos clubes populares, onde a presença do ‘dono’ do time, do clube, é ‘figura’ marcante no cenário do contexto do futebol”.⁵² Desse modo, esse autoritarismo altera a ordem hierárquica, em que teoricamente os jogadores são subordinados ao técnico que é subordinado ao presidente do clube, tornando a configuração suscetível a mudanças repentinas no jogo social.

O dirigente corrobora com o discurso que o identifica como um amador no meio do futebol,⁵³ sobrepondo seus interesses pessoais em detrimento das escolhas profissionais do treinador da equipe, que teoricamente foi contratado para tomar decisões técnicas que viessem beneficiar o rendimento do clube na busca dos resultados esportivos pretendidos.

Refletimos em Elias⁵⁴ que a predisposição dos jogadores entenderem o grau de interdependência estabelecido em uma configuração, permite com que o equilíbrio do jogo social seja percebido nesse caso como algo benéfico, pois compreenderia a conscientização do dirigente quanto à necessidade de levar em consideração as decisões do treinador, teoricamente capacitado para decidir quem entra e quem sai da equipe.

A história narrada pelo atleta remete ainda aos acontecimentos vividos por tabela,⁵⁵ nos quais o indivíduo não viveu as experiências, mas reconta casos que ouviu falar. É relevante pensarmos então na forma como ele aborda essa narrativa, a importância que concede a situação, além da riqueza de detalhes que dão indícios do sentido que atribui a uma história que nem era sua. A narrativa também ressalta o caráter polêmico do fato e a perspectiva de que as memórias mais sublimes são aquelas que criam roteiros, nos quais o discurso se constitui no conflito.⁵⁶

Contudo, mesmo que exista uma maior tendência ao avivamento de memórias tidas como negativas, alguns jogadores conseguem rememorar situações que indicam bom relacionamento com os seus treinadores, como o relato dos jogadores 1 e 5 que são expostos na sequência.

⁵² ANJOS, José Luis dos. O “popular” no futebol do interior de São Paulo. *Revista Conexões*, Campinas, vol. 2, n. 2, 2004, p. 66.

⁵³ TOLEDO, op. cit.

⁵⁴ ELIAS, *Introdução à Sociologia*, op. cit.

⁵⁵ POLLAK, op. cit.

⁵⁶ SMITH, op. cit.

Teve técnico, que falando na gíria, era mais boleirão que jogador, que ele fazia mais festa do que o jogador mesmo (risos) e aí quando o time está bem, está ganhando, é aquele churrasco com todo mundo, comissão técnica, presidente, abraço, tudo certo, alegria no planeta e aí ninguém está aí com nada, principalmente esses clubes pequenos, essas cidades menores que você tem contato direto, muito amor, paixão naquele momento. O clube da cidade que ganhou do clube grande, então todo mundo participava e tem outros que totalmente profissional, fora dali não tinha muito contato. Existe perfil diferente de técnico [...] (Jogador 1, 2016).

Com base nas reações do atleta 1, compreendemos que essa narrativa apresenta um caráter sarcástico⁵⁷ em que técnicos e atletas são vistos em uma ceulema pré-determinada pelos objetivos coletivos que tornam o relacionamento “[...] positivo quando os indivíduos ajudam a equipe a satisfazer as necessidades de técnicos e atletas, e negativos, quando a equipe não consegue equilibrar as forças individuais em prol da coletividade”.⁵⁸ É por isso que a imprevisibilidade do futebol torna as relações efêmeras, haja vista estarem diretamente relacionadas a necessidade de desempenho e resultado para manutenção do bom funcionamento da configuração.

Não, esses todos eu nunca tive problema, Genilson foi um cara que me ajudou muito, foi o cara que me subiu para o profissional, o cara que brincava comigo, que falava que eu tinha que melhorar minha marcação, porque eu atacava muito bem e marcava pouco [...]. [...] Waldemir também, chegou no Atlético-PR em 2009 ainda, me ajudou bastante. No caso do João, por mais que eu não tenha jogado com ele, foi um cara que eu nunca tive problema, foi um cara que, o treinador tem as opções dele, eu não posso chegar lá e falar: “oh, eu quero jogar e você tem que colocar eu”, tem que mostrar isso dentro de campo e se dentro de campo meu futebol não agradava ele, escolheu outro, optou por outro, eu tinha só que respeitar e esperar a minha chance de novo. Depois trabalhei com o Celso, tive pouco tempo para trabalhar com ele, não tive muita oportunidade de trabalhar com ele, foram praticamente duas semanas, eu acho que seria uma pessoa que eu ia me dar muito bem porque era uma pessoa que gostava de mim, me deu uma oportunidade, mas infelizmente eu me machuquei e outros treinadores que eu trabalhei também não tive problema com nenhum [...] (Jogador 5, 2016).

Em linhas gerais, a narrativa do quinto atleta entrevistado é cautelosa, pois sabe que na posição de um atleta em atividade, ele tem que tomar cuidado na exposição dos fatos. Embora ele saiba da existência de transgressões do

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ SIMÕES, Antonio Carlos; RODRIGUES, Alan Alessandro; CARVALHO, Dimauro Fátima. Liderança e as forças que impulsionam a conduta de técnico e atletas de futebol, em convívio grupal. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, vol. 12, n. 2, 1998, p. 135.

esporte, o mesmo procura dar mais ênfase aos bons momentos que teve na convivência com seus treinadores, imprimindo, digamos assim, uma posição mais política ou como diria Marques a “[...] falação esportiva tem todas as aparências do discurso político [...]”,⁵⁹ haja vista o atleta evitar polêmicas com agentes – treinadores do período de Athletico Paranaense – dotados de poder nesse meio em que ainda pretende fazer parte.

Esse discurso “pronto” é uma característica de atletas que tiveram contato com a mídia especializada do futebol. Mesmo quando não tem sua identidade revelada, como no caso da entrevista que nos foi concedida, o atleta nos faz entender que “[...] a memória, por se constituir como uma atividade seletiva, molda a narrativa a fim de deixá-la agradável às expectativas que os informantes acreditam ser àquelas que os pesquisadores apreciariam”.⁶⁰

Considerações Finais

Ao analisarmos a carreira do atleta através da oralidade, pudemos compreendê-la como uma fonte relevante no entendimento do funcionamento do futebol, pois os atletas são os protagonistas na manutenção dessa cultura esportiva em evidência. Dessa forma, ao verificar o relato dos atletas foi possível identificar como ocorre a dinâmica das relações na figuração atleta/treinador, bem como se dá as disputas e a distribuição de poder no universo do futebol profissional.

Nesse contexto, a análise das relações estabelecidas, proporcionou um entendimento diferente desse espaço, já que circulamos entre o macro-histórico – ao abordarmos as questões através do compartilhamento social dos discursos e da identificação de problemas que afetam esse meio – e o micro-histórico – cujas particularidades de cada história nos forneceu subsídios para discutir esse contexto de maneira reflexiva.

Dentro das configurações as relações de força que se estabeleceram na visão dos entrevistados refletem a capacidade dos treinadores em determinar a dinâmica do jogo social pré-estabelecido. Contudo, como em todas as relações interdependentes, a força relativa dos atletas também influencia na capacidade dos treinadores determinarem os resultados dessas disputas simbólicas. Essa condição pode acontecer, quando os atletas de forma coletiva se organizam de modo a reduzir o peso funcional do treinador na figuração,

⁵⁹ MARQUES, José Carlos. A falação esportiva (o discurso da imprensa esportiva e o aspecto mítico do futebol). XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Salvador, 2002, p. 5.

⁶⁰ SOUZA, Maria Thereza Oliveira; CAPRARO, André Mendes. Atletas mulheres relembrando do futebol na infância – a transposição de fronteiras de gênero. *Journal Physical Education*, Maringá, vol. 28, n. 1, 2017, p. 7.

ou até mesmo quando agentes externos a lógica da prática interferem nas decisões técnicas dentro de campo, como em situações em que o presidente tende a ter mais força de decisão que o treinador. Isso sugere, portanto, que existem outros agentes na estrutura do futebol que também influenciam no funcionamento da figuração, em que pese não atuem no contexto da prática.

Outro aspecto interessante a ser observado é que a narrativa dos atletas modifica conforme o seu nível de aproximação com o objeto. Isto é, o fato de estar ativo ou afastado do futebol interfere na forma com que o atleta encaminha a sua narrativa face aos questionamentos. Nessa esteira, os ex-atletas tendem a relatar os assuntos mais abertamente, adentrando em temáticas polêmicas, sem se preocupar com a exposição de suas falas. Por outro lado, jogadores ainda em atuação adotam narrativas mais cautelosas, já que alimentam uma espécie de receio em relação as suas estabilidades no âmbito profissional da prática.

Por fim, por via da fala dos atletas, foi possível verificar que no futebol os casos de transgressões são muito corriqueiros, sobretudo a corrupção associada à negociação de jogadores. Mais impactante ainda, é saber que os atletas sabem disso e precisam em várias situações consentirem com esse dinâmica instaurada no interior da figuração esportiva, pois a final, possuem o entendimento que a manutenção do atleta no contexto profissional é dependente de uma boa articulação com o treinador, mesmo que tenham que abrir mão de alguma prerrogativa. No entanto, o treinador reconhece que sem o conjunto de atletas aderentes ao seu projeto de trabalho, o mesmo não está imune, estando o seu posto em constante instabilidade. Em outras palavras, a relação atleta e treinador se dá, em grande medida, por uma relação de cumplicidade objetiva,⁶¹ pois ambos alimentam o interesse de manutenção do campo, ainda que, exista a luta pelos capitais do espaço e as relações de dominados e dominantes.⁶²

Artigo recebido para publicação em 14/10/2019
Artigo aprovado para publicação em 08/04/2020

⁶¹ LAHIRE, op. cit.

⁶² BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas/SP: Papirus, 1996a.